

O Militante

BOLÉTIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O ANTICOMUNISMO de transfugas pequeno-burgueses

O Partido Comunista admite nas suas fileiras homens e mulheres vindos da pequena burguesia que abraçam a causa dos trabalhadores e se dispõem a lutar por ela. Não há em relação a eles reservas nem distinções provenientes da sua origem social. Muitos têm provado a sua abnegação e firmeza e têm-se tornado valiosos quadros revolucionários, sinceros e dedicados comunistas.

O caso é diferente quando, de longe em longe, intelectuais ou aprendizes de intelectuais pequeno-burgueses, aderem ao Partido, se dizem de acordo com o Programa e os Estatutos, e, uma vez no Partido, pretendem introduzir neste a ideologia pequeno-burguesa, pretendem dirigir ideologicamente o Partido, pretendem que o Partido abandone as suas posições de classe, que reveja Programa, Estatutos, linha política, estratégia e tática e se transforme num aggrupamento da pequena burguesia radical.

E como o Partido não aceita as suas «propostas» e opiniões, começam a bradar contra a direcção, contra a falta de democracia, e a reclamar que, no Partido seja respeitado o «direito das minorias», que haja «livre circulação de ideias», que as opiniões discordantes sejam comunicadas a todo o Partido e postas à discussão, que a imprensa e os meios de propagação do Partido se tornem uma espécie de «tribuna livre», em que todos os membros do Partido tenham o direito de expor as suas opiniões, quais quer que elas sejam.

Nó Partido Comunista Português todos os militantes podem expressar e defender os seus pontos de vista. Constantemente o Comité Central insiste para que os membros do Partido manifestem as suas opiniões, deem a sua contribuição efectiva e definitiva da orientação do Partido, critiquem as deficiências e erros. As opiniões e críticas manifestadas são objecto de

atento exame e tidas devidamente em conta. Deficiências que se manifestem na informação, na organização, no debate político, como em quaisquer aspectos da actividade do Partido, procuram corrigir-se e são corrigidos pelo Partido no seu conjunto, pela acção da direcção, dos organismos intermédios e da base do Partido.

Ao contrário do que dizem os caluniadores, nenhum militante é «perseguido» por discordar ou por criticar qualquer organismo ou camarada sem excepção uma vez que o faça dentro das normas estatutárias. Repetidas vezes se tem afirmado que as restrições à democracia interna do Partido (como a não eleição dos organismos, a designação de delegados aos Congressos, a ampla informação sobre a vida interna, etc.), restrições impostas pelas condições de severa clandestinidade, desaparecerão logo que o Partido tenha uma existência legal. Os Estatutos expressamente o dizem: Raros serão os Partidos, lutando em condições de clandestinidade semelhantes, em que é tão viva a prática democrática no funcionamento dos organismos e na relação entre eles.

Isto porém não satisfaz esses tais intelectuais e pseudo-intelectuais pequeno-burgueses que, vendo rejeitadas as suas ideias, acabam por afirmar que «não há meios estatutários de corrigir os erros do Partido» e, incapazes de se tornar de facto comunistas, acabam por sair do Partido.

Exemplo esclarecedor é o de alguns indivíduos que eram membros do Partido (aliás «no estrangeiro»). Saindo do Partido, publicaram uma «Carta Aberta». As ideias que manifestam sobre a evolução do capitalismo português, sobre a revolução democrática e nacional, sobre a revolução socialista, assentam na deturpação de factos, de concepções, de princípios e de documentos, mostrando, ou a sua completa

incapacidade para compreender os fenómenos económicos e políticos fundamentais, ou a sua profunda má fé. Essas ideias inserem-se na campanha anti-comunista e anti-partidária que é levada a cabo, em cadernos e caderninhos, por certos intelectuais ou pseudo-intelectuais e estudantes e pseudo-estudantes pequeno-burgueses, que, da «emigração», dos seus gabinetes ou dos cafés, pretendem em palavras ensinar o proletariado português a fazer a revolução, quando de facto, em vez de combaterem o imperialismo e o capitalismo, combatem as forças revolucionárias e prestam assim um serviço inestimável à burguesia reacçãoária e ao fascismo. Eles vêem no «marcelismo» uma política efectiva de «liberalização» e «democratização» do capital monopolista, que teria sido contrariado e prejudicado pelo governo de Salazar ao serviço dos latifundiários e do capital reacçãoário, e que só agora (com M. Cactano) teria subido ao poder e mostraria finalmente a sua natureza empreendedora e progressista. A revolução democrática e nacional, que o Partido define como a etapa actual da revolução, como uma revolução popular, anti-imperialista e anticolonialista, chamam eles uma «revolução burguesa», «sob a direcção da burguesia», mostrando assim nada compreender do Programa e da linha do Partido. Eles clamam pelo «socialismo», mas não se sabe bem de que «socialismo» se trata, porque, segundo eles, ainda não houve revoluções socialistas nem há regimes socialistas no mundo, etc, etc, etc. Essa campanha tem recebido e receberá firme combate do Partido pondo totalmente a nu a sua natureza ideológica e o seu significado e papel político.

Tais ideias aparecem cristalizadas na posição e na «plataforma» dos transfugas da «Carta Aberta».

Quais são os pontos fundamentais dessa plataforma?

Primeiro: Para eles não há ainda regime socialista no mundo. Os países socialistas (a começar pela URSS) teriam «degenerado» e neles haveria «ditaduras do partido e da burocracia dirigente contra o proletariado». Seriam regimes policiais e de terror contra os trabalhadores. A política da URSS seria a de «abafar o movimento revolucionário no mundo», impedir as revoluções socialistas, ajudar os governos reacçãoários contra os respectivos povos, exercer um «domínio contra-revolucionário» «sobre os partidos e os governos satélites». O movimento comunista internacional teria «degenerado» também, não que-

ria nem pretendia fazer a revolução socialista, porque dominado pela burocracia soviética que defende os seus interesses de grande potência contra o movimento operário e de libertação dos povos. O Partido Comunista Português teria também naturalmente «degenerado», seria um Partido ao serviço da burguesia, não quereria fazer a revolução socialista em Portugal porque está submetido à URSS e a URSS não quer revoluções para não estragar a coexistência pacífica... A direcção abafaria a voz dos militantes, perseguiria estes estaria dividida em «grupos e grupelhos», adoptaria processos policiais, etc, etc, etc.

Estas são as afirmações essenciais de homens que pretendem falar em nome da «verdade», em nome do proletariado, em nome da revolução socialista e que enfeitam tais afirmações com um palavreado teorizante.

Para «provarem» as suas afirmações, deturpam, falsificam, fabricam, mentem e calúniam sem quaisquer escrúpulos, usando os argumentos e os processos dos inimigos declarados do socialismo. Enquanto no Partido, manifestavam divergências. Mas é ao saírem dele que que revelam a sua verdadeira cara. É agora evidente que, ao pretenderem que as suas «divergências» fossem amplamente conhecidas e discutidas, pretendiam criar condições para que a «bomba» desagregadora do seu anticomunismo e anti-sovietismo viesse a estoirar dentro do próprio Partido, como voz de membros do Partido no uso dos seus direitos e não, como agora, como voz de transfugas que romperam declaradamente com as ideias do comunismo.

É evidente que estavam a mais no Partido, que o Partido não é o seu Partido, e que «opiniões» como estas (que traduzem com ódio a voz dos inimigos do comunismo) não circulam nem circularão no Partido da classe operária portuguesa como «temas de discussão».

Não há problema político que não possa e não deva ser discutido no Partido. Mas o anticomunismo e o anti-sovietismo, a falsidade, a mentira, a calúnia vil e irresponsável, mesmo que disfarçadas sob pretensas «análises» e sob consignas pretensamente radicais, só são «temas de discussão» dentro do Partido para serem combatidos com firmeza e sem complacência, para se preparar o Partido a combater quaisquer manifestações da sua influência de-

sorientadora no movimento operário, no movimento antifascista, nas massas populares.

Que se desiludam os pseudo-intelectuais antissoviéticos e anticomunistas. O Partido, contra os seus desejos, e as suas palavras, continuará a ser o Partido da classe operária de Portugal, um partido marxista-leninista, o partido revolucionário que conduzirá a classe operária e as massas trabalhadoras (e só ele as poderá conduzir) à revolução democrática e nacional e à revolução socialista, ombro com ombro com os partidos comunistas irmãos, ombro com ombro com os partidos dos países socialistas e, à sua frente, o Partido Comunista da União Soviética, — a maior fortaleza do

proletariado e dos povos oprimidos de todo o mundo.

O veneno anticomunista, antipartidário e anti-soviético de certos radicais pequeno-burgueses não abalará nem roubará a confiança da classe operária e dos trabalhadores portugueses na causa do comunismo, nas realizações históricas e no papel da URSS e outros estados socialistas, no Partido que em Portugal ganhou a grande autoridade e influência de que goza, não com palavreado, mas pela luta diária, constante, infatigável e abnegada de longos anos à frente da classe operária, das massas populares, de todo o movimento antifascista.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Voltando a publicar esta secção, faremos o possível para manter a sua regularidade, correspondendo à insistência de numerosos camaradas. Far-se-á um esforço para responder a perguntas anteriormente recebidas que mantenham actualidade e a todas aquelas que nos venham a ser enviadas.

P. No seu livro «Um passo em frente, dois passos à recataguarda», Lénine disse que «na sua luta pelo poder o proletariado não tem outra arma senão a organização». Qual o significado desta afirmação?

R. Esta afirmação sintetiza o pensamento de Lénine no combate travado no princípio do século para a formação dum partido revolucionário do proletariado, um partido de novo tipo, centralizado capaz de dirigir a luta do proletariado e conduzir este à conquista do poder.

Nos fins do século XIX, existia na Rússia

numerosas organizações social-democratas: comités, grupos, uniões regionais. Apesar de terem o nome comum de «Partido Operário Social-Democrata da Rússia» (POSDR) adoptado no seu 1.º Congresso realizado em 1898, esses organismos e organizações actuavam isolados uns dos outros, consideravam sua tarefa o trabalho prático na esfera da sua acção, sem ligarem este às tarefas políticas comuns respeitantes a toda a Rússia. Faltava-lhes continuidade na acção, adoptavam formas de trabalho que não asseguravam a sua defesa contra a repressão, seguiam na cauda do movimento espontâneo das massas em vez de constituírem a sua vanguarda.

As organizações social-democratas eram largamente influenciadas pela ideologia burguesa e pequeno-burguesa, pelo oportunismo e o revisionismo, cuja expressão política fundamental na Rússia era então o «economismo». Para os «economistas», a classe operária deveria limitar-se à luta pelos seus interesses económicos não deveria ter uma acção política independente, não deveria criar um partido revolucionário de classe. Os «economistas» defendiam a abdicação da acção política independente do proletariado, entregando a direcção da luta política à burguesia liberal.

Contra essas tendências, Lênine conduziu o combate pela criação e organização dum partido centralizado ligado às massas, dum estado maior revolucionário e dirigente do proletariado, guiado por uma teoria de vanguarda — o marxismo. A primeira grande e essencial tarefa que se colocava então era a *organização política* do proletariado num partido de classe. Sem um tal partido, afirmava Lênine, o proletariado não poderá libertar-se do oportunismo, preparar-se para a revolução, levar esta a bom termo e conquistar o poder.

No seu livro «*Que fazer?*», publicado em 1902 assim como em numerosos artigos publicados no jornal «*Iskra*», Lênine indicou os fundamentos ideológicos e organizativos para a criação do partido marxista revolucionário da Rússia. No 2.º Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia realizado em 1903, a maioria (*bolchevino* em russo, origem da palavra bolchevique) esteve com Lênine. O Congresso inscreveu no Programa do Partido o objectivo da instauração da ditadura do proletariado e adoptou os Estatutos onde figura a concepção dum partido centralizado.

O combate de Lênine contra os oportunistas que haviam ficado em minoria no Congresso não terminara porém. O livro de Lênine «*Um passo adiante, dois passos à recua*», publicado em 1904, teve uma importância capital nesse combate. Lênine desenvolve aí os princípios do Partido do proletariado: destacamento de vanguarda, destacamento organizado, com uma vontade comum e uma acção comum, assente na unidade de pensamento e numa severa disciplina, guiado pelos princípios do centralismo democrático. O Partido na concepção leninista é a encarnação do espírito de organização e a forma suprema de organização do proletariado.

A citada afirmação de Lênine «na sua luta pelo poder o proletariado não tem outra arma senão a organização» não pode ser interpretada literalmente e completamente fora do contexto, como querendo dizer que o proletariado não tem outras armas, além do trabalho de organização. Ela significa: sem um partido marxista-revolucionário, sem uma vanguarda política organizada segundo os princípios que Lênine defendeu, o proletariado não pode conduzir vitoriosamente a sua luta e conquistar o poder.

A defesa firme e sem vacilações da teoria leninista do Partido da classe operária tem presentemente grande actualidade. Oportunistas de «esquerda» e de direita, revisionistas de toda a espécie, põem em causa essa teoria, negam a necessidade dum partido leninista, menosprezam a capital importância da organização política independente e centralizada

da classe operária.

Todos os inimigos do socialismo, coadjuvados por verbalistas pseudo-revolucionários, conjugam os seus esforços contra os partidos leninistas. Alguns procuram fazê-lo falsificando Lênine, deturpando factos, caluniando, afirmando «demonstrarem» que os partidos comunistas deixaram de reger-se pelos princípios leninistas. Outros são mais claros e põem directamente em causa, não só os princípios leninistas de organização do Partido, como o próprio papel do Partido.

Assim, por exemplo, em 1968 os elementos direitistas e anti-socialistas na Checoslováquia (dentro e fora do Partido), procurando abrir caminho à contra-revolução, concentraram o grosso dos seus esforços na luta contra o Partido. «A interpretação leninista do Partido Comunista e das suas funções na revolução (escrevia por exemplo um tal Svítak, destacado propagandista da época) foi, na altura inevitável, mas hoje, nas condições dos países desenvolvidos, é inconsistente». «A classe operária (insistia) pode cumprir a sua missão histórica sem a direcção do Partido Comunista».

O combate à ideia capital de Lênine sobre o Partido como organização política revolucionária independente do proletariado e como «arma» indispensável do proletariado para a conquista do poder e a construção do socialismo, e os princípios leninistas do centralismo democrático, — esse combate é uma das principais características do oportunismo e do revisionismo no momento actual.

Deturpando e falsificando grosseiramente os princípios leninistas do centralismo democrático, pretendem alguns negar o centralismo político, a unidade e a disciplina do Partido. Em vez de um Partido unido politicamente e na acção, dizem que o Partido deveria ser constituído por círculos, por fracções, por maiorias e minorias. Dizem-se partidários da democracia, embora, quando em minoria, não reconheçam o princípio democrático elementar da submissão da minoria à maioria. Defendem que no Partido as «minorias» devem poder expor os seus pontos de vista na imprensa do P., que seria, não um instrumento de esclarecimento e orientação, mas uma espécie de «tribuna livre». Defendem que um membro do Partido que não esteja de acordo com qualquer decisão deve ter o direito de a não cumprir e que cada organização possa ter a sua linha própria na esfera da sua actividade, incluindo na imprensa do sector respectivo. A luta «contra a direcção» (as mais das vezes sem quaisquer escrúpulos) é um dos aspectos característicos da luta anti-partidária visando a sobreposição (dentro do Partido) das «minorias actuais» à efectiva democracia interna, visando a negação duma direcção política centralizada, o enfraquecimento da unidade e da disciplina e a final desagregação do Partido.

Contra os inimigos e detractores do leninismo, a defesa e a aplicação da teoria leninista do Partido é condição essencial para o sucesso da luta da classe operária contra o capital, pela revolução socialista, pela conquista do poder, pela instauração da ditadura do proletariado, pela construção do socialismo e do comunismo.

★ 50º aniversário PCP

Extractos do relatório de Manuel Pilar

.....
O ponto fundamental que nos separa—Augusto Machado e Júlio Dinis dum lado e eu do outro—não é a reconstituição do Comité (Central) propriamente dita mas sim a concepção que esses camaradas têm da acção do Partido e dos Partidários na ilegalidade, e da qual eu discordo absolutamente. A divergência que surgiu sobre a reconstituição do Comité Central não é mais do que uma consequência da aplicação prática dessa concepção e da minha discordância com ela.

Muitas outras divergências têm havido e se nenhuma tomou o aspecto desta é porque sempre me sujeitei às resoluções da maioria; porém como vi que a dita concepção continuava a predominar com grave prejuízo—quanto a mim para o trabalho político e sindical, não desisti desta vez da minha proposta, disposto a levá-la e a defendê-la até às últimas instâncias.

A concepção de Augusto Machado e Dinis é a seguinte:—o Partido e o C. dos Partidários devem viver escondidos, isolados, fazendo propaganda marxista, sim, mas sem dar a mais pequena nota pública da sua existência oficial, esperando que as mentalidades formadas por essa propaganda, venham até eles para, depois de formados os quadros, aparecerem então já fortes para a luta.—Neste sentido:—Não querem publicar o jornal do Partido, clandestino.—Não querem publicar o jornal dos Partidários, clandestino.—Não querem interessar no trabalho político ninguém que não pertença ao Comité.—Não querem admitir mais ninguém no Partido a não ser militantes operários já muito conhecidos.—Não procuram o contacto com os filiados do Partido.—Não dão directrizes para o trabalho sindical.—Não pen-

sam em interessar no trabalho sindical elementos «sem partido».

Em resumo, Augusto Machado e Dinis querem fazer do Partido e do Comité dos Partidários uma pequena seita—eles chamam-lhe «uma pequena família»—quase absolutamente cerrada aos que dela se aproximam e absolutamente desconhecida da massa, com quem não querem ter contacto senão muito raramente, e dos Comités duas pedras onde eles pontificam, inacessíveis até mesmo aos filiados do Partido com quem só raramente querem ter contacto.

Neste sentido pretendem restringir a sua acção apenas a isto:—Manutenção da organização administrativa do Partido e do Socorro Vermelho.—Publicação e distribuição de livros, brochuras e folhetos de propaganda marxista e soviética.—Publicação de uma revista sindical quando puder ser.—Elaboração de estatísticas de ordem sindical.

Por último condescenderam na publicação do jornal clandestino do Partido mas de tão má vontade que têm continuado a sugerir outras ideias para substituir a sua publicação.

Eu penso precisamente o contrário: o Partido e o Comité dos Partidários devem fazer a máxima difusão de literatura, mas devem também aparecer publicamente, embora clandestinamente, com «palavras de ordem» que agradem à massa, sempre na sua vanguarda, a inspirar-lhe confiança, captando aderentes e simpatizantes pela luta persistente e vigorosa a que se entregam.

Neste sentido defendo o seguinte:—Publicação clandestina do jornal do Partido.—Publicação clandestina duma revista sindical.—Manutenção Administrativa do Partido e do

A Conferência do Partido Comunista Português realizada em 21 de Abril de 1929 constituiu um importante acontecimento na história do Partido. Forçado à clandestinidade com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, o Partido não se adaptara ainda às novas condições. A sua actividade encontrava-se então praticamente paralisada. A Conferência de Abril, a data da qual havia apenas 40 membros do Partido, 29 dos quais em Lisboa, foi o ponto de partida da reorganização do Partido nas condições de clandestinidade. Um dos três membros do Comité Central, Manuel Pilar, representou um destacado papel nesse difícil momento. Os extractos dum relatório de Manuel Pilar datado de 1928 (que «O Militante» publica neste número) dá um quadro da situação nas vésperas da Conferência.



Socorro Vermelho. — Publicação clandestina de livros, brochuras e folhetos. — Interessar no trabalho partidário e do Socorro o maior número de filiados. — Interessar no trabalho sindical o maior número de filiados e de elementos sem partido. — Organização dum programa sindical e sua propaganda e aplicação. — Admissão com prudência no Partido de todos os elementos que nos mereçam confiança embora não sejam militantes operários conhecidos, e experimentação de todos aqueles que afirmam-se simpatizantes se mostram dispostos a trabalhar. — Elaboração de estatísticas sindicais, políticas e de solidariedade.

Como vêem o Programa de acção preconizado por mim, exige um Comité de cinco (5) a sete (7) membros, pelo menos, mas eu nunca vi nas fileiras do Partido quem ao Comité pudesse ser útil colaborador e portanto resignei-me. Porém ultimamente, entrou para o Partido um bom número de novos camaradas e o seu entusiasmo animou alguns dos antigos filiados. As fileiras partidárias deixaram por isso de ser um corpo morto, indiferente, inútil, para ser um corpo vivo, animado, aproveitável.

As fileiras do Partido refrescadas com novos elementos, tentam agir, sair da modorra em que vivem, levando o Partido para a posição revolucionária que lhe compete, e a maioria do Comité do Partido, dentro da sua concepção revolucionária, faz vingar o seu ponto de vista e prende as fileiras partidárias no coleto de forças da sua opinião, não lhe permitindo que actuem, ou o que é pior, dando margem a que actuem isoladamente, sem unidade de acção.

Foi então que aproveitando uma oportunidade, propus a reconstituição do Comité, visando dois fins: — 1º Tentar evitar que Augusto Machado e Dinis continuem a orientar o trabalho político e sindical dentro da concepção que defendem. — 2º Habilitar o Comité com elementos suficientes para cumprir com a sua missão. — Augusto Machado e Dinis reprovaram: a) porque não acham necessário mais gente (de facto para aplicar o seu programa não são precisos mais) — b) porque não têm confiança nos filiados que propus.

Sobre a primeira razão apresentada por eles já expus o critério que os leva a não querer mais colaboradores, e o meu que é precisamente o contrário.

Quanto à segunda razão, eu vou provar que os filiados que propus lhes deviam merecer confiança e que razão nenhuma pode justificar a sua opinião contrária. — Cesar (Leitão), (Bento) Gonçalves e Lima. O primeiro (Cesar Leitão) foi fundador do Partido Comunista Brasileiro e trouxe uma credencial que como tal apresentava, pois foi expulso do Brasil, onde

vivia, pela sua actividade comunista e pela qual sofreu seis prisões. Além disso trouxe uma credencial do Sindicato da sua Corporação no Rio para a sua congénere em Lisboa e foi o Secretário Geral desse Sindicato que no-lo apresentou. Modesto, conhecedor da teoria marxista, sempre desejoso de fazer alguma coisa, a sua presença inspira-nos confiança. Como não tinham outra maneira de o torpedear, Dinis e Augusto Machado declararam que até a credencial podia ser falsa, no que só agora reparam, pois foi à face dela que aceitaram a sua filiação sem protesto.

O segundo (Bento Gonçalves) era um camarada sem partido, mais ou menos ligado aos anarquistas. Sendo Secretário Geral do seu Sindicato profissional, foi indicado para ir à Rússia por ocasião do Décimo Aniversário da Revolução (1927). Um elemento anarquista do seu sindicato aconselhou-o a que, na Rússia, observasse bem se era ou não verdadeira a obra que os comunistas apregoavam. Esse camarada voltou sinceramente admirado da obra que vira e provou praticamente que estava decidido a agir como um comunista e para isso dedicou-se ao estudo profundo do marxismo; em resultado da sua influência, esse militante anarquista seu amigo, dedica-se também, hoje ao estudo do marxismo e é sócio do Socorro Vermelho não lutando já abertamente ao lado dos seus camaradas de ontem. Mais tarde filiou-se no partido e, com o camarada Lima, o terceiro que propus, trouxe para o Partido mais três bons militantes do seu Sindicato: organizou com eles uma célula no local de trabalho, que já provou o seu espírito de disciplina, e a célula do Socorro Vermelho no mesmo local de trabalho devido a eles é a maior e aquela que mais em dia tráz a cobrança. Não contente com isso, Bento Gonçalves abriu uma escola no seu sindicato para o estudo do marxismo que tem sido muito concorrida, e por último vai, apoiado na célula do Partido, tentar organizar o seu sindicato (...) para o que vai convocar uma «Conferência Corporativa». Depois de tudo isto, Dinis e Augusto Machado declaram não ter confiança nele. O terceiro (Lima) é membro do Comité dos Partidários, tendo ido ultimamente à Rússia como delegado do seu sindicato. Quando voltou começou por filiar-se no Partido e tem compartilhado de toda a actividade comunista do camarada Gonçalves no seu Sindicato. Além disso tem sido o melhor colaborador do Comité do Partido, tanto na reorganização do Partido como no Socorro e hoje tem à sua responsabilidade todo o trabalho de direcção do Socorro Vermelho que tem progredido.

Quer dizer, Dinis e Augusto Machado colaboram há cinco anos com Lima no Comité dos Partidários, têm portanto confiança nele para trabalhar no dito Comité e têm também confiança nele ao ponto de permitirem que ele colabore no Comité do Partido até nos assuntos mais privados, mas negam-lhe a sua confiança para que ele entre no mesmo Comité.

Contra estes argumentos que apresento em defesa dos camaradas que propus, Augusto Machado e Dinis nada respondem. Augusto Machado limita-se a dizer que tem umas razões especiais, mas que não as quer explicar. Não me posso com este argumento dar por convencido. Quanto a mim, acho que no Partido não há «razões especiais». Ou há razões partidárias que se podem e devem expor ao Comité, ou então só há de facto razões particulares mas com as quais nem o Partido nem o Comité nada têm.

Eis, camaradas, qual é a verdadeira e fundamental divergência no seio do Comité do Partido e porque pretendo alargá-lo e com quem pretendo alargá-lo. — Não há porém ainda tudo explicado devidamente. — Há um assunto que pela sua importância merece e tem de ser especialmente ventilado.

— A questão Sindical — A última resolução (do Comité Executivo da Internacional Comunista) foi de que o Comité dos Partidários deveria realizar e orientar todo o trabalho sindical, não devendo o Partido tentar predominar dentro dele pela força de votos, embora os dois comités reunissem e trocassem impressões em conjunto. Assim se tem feito.

Para o cumprimento dessa missão, determinava o Executivo que os partidários interessassem o maior número de elementos sem partido na acção sindical e retomassem a publicação do seu jornal, embora com outro título e clandestinamente se fosse preciso. Nada disso eles querem fazer e o que é pior é que a sua maioria absolutamente integrada na concepção que atrás expus, não só não deixa fazer nada, como eles próprios nada fazem no campo sindical, e se alguma vez se resolverem a agir, farão tudo menos um trabalho em contacto directo com as massas.

O Comité dos Partidários é um grupo de seis homens de facto, mas é só para conversar, porque para trabalhar é só Augusto Machado, mas este não tem ligação nenhuma com a massa, e só trabalha em conformidade com a táctica que atrás expus.

Eis pois a razão porque já lá vão passados seis meses depois de Augusto Machado ter vindo da Rússia, e nada absolutamente nada estar feito no campo sindical, a não ser o simples envio pelo correio de um «questionário»

aos Sindicatos.

Eu próprio já propus que se fosse visitar os maiores centros industriais do País, para efeito de trabalho exclusivamente sindical, com as despesas pagas a meias pelos dois Comités. Mas como Augusto Machado tem trabalho e mais ninguém pode ir do Comité dos Partidários, até agora nada se fez neste sentido.

Em Lisboa alega a maioria do Comité que não há militantes com quem trabalhar. Eu afirmo que há. Nós temos filiados e simpatizantes, nas seguintes corporações: Arsenalistas da Marinha, Correios e Telegrafos, Arsenalistas do Exército, Sapateiros, Barbeiros, Ferroviários, Marítimos, Caixeiros, Padeiros, Tabacos.

Se todos esses militantes, vissem à frente da questão sindical um organismo forte, coordenado, incitando e orientando esforços, chamando-os constantemente à actividade e dando-lhes pequenas tarefas, tendo um programa realizável, e previamente elaborado, publicando um jornal ou revista embora pequena, já de certo teriam feito alguma coisa e teriam também tido possibilidade de captar novos simpatizantes nas suas corporações. Além destas corporações em quantas outras não viriam a aparecer elementos simpatizantes, se com algum trabalho motrassemos que existíamos e que agíamos? Certamente o número aumentaria.

A tudo isto a maioria do Comité dos Partidários, responde com cepticismo «que esses militantes faltariam». É possível que assim acontecesse com alguns, mas outros se aproveitariam e certamente entre os que de novo aparecerem, também se haviam de aproveitar alguns. A prova que há possibilidades de realizar algum trabalho no campo sindical, mais do que inquéritos e estatísticas, é que começam a observar-se manifestações de actividade isoladas. Exemplos: Os Arsenalistas da Marinha por iniciativa dos nossos filiados e aproveitando o aniversário da corporação vão realizar, como atrás disse, uma Conferência Corporativa para estudar e resolver a maneira de modificar a estrutura do sindicato.

Nos Correios e Telegrafos, pensam dois nossos filiados em aproveitar a próxima Assembleia para tentar fazer vingar uma direcção de filiados e simpatizantes nossos, para depois tentar melhorar e aperfeiçoar também a estrutura sindical.

Por conversas que tenho tido com militantes de algumas corporações (por exemplo sapateiros, padeiros) sei que há entre os nossos simpatizantes um sincero desejo de realizar algum trabalho prático e se até agora o não levaram à prática é quanto a mim por falta de



estímulo e orientação.

Para tratarmos duma questão que interessava particularmente aos marítimos, convocamos ultimamente uma reunião de militantes operários e da qual conseguimos os resultados desejados. Pois essa reunião não foi da iniciativa do Comité dos Partidários mas sim do camarada Bento Gonçalves que expôs os seus fins e vantagens com os quais o Comité se limitou a concordar.

Mais recentemente ainda, surgiu uma questão importante entre os marítimos também, que envolve os fragateiros dum lado e os Estivadores, Pintores Navais, Conferentes, etc., do outro. Era portanto uma boa oportunidade para, através de manifestos ou com sucessivas reuniões, procurar ventilar o assunto e marcar o nosso ponto de vista sobre o caso em litígio. O Comité porém com coisa alguma destas se preocupa, Sindicalmente, vive-se

neste «gachis». As directrizes sobre o trabalho sindical devem partir do Comité dos Partidários e não do Partido; mas como o Comité dos Partidários nada orienta nem determina, nada ou quase nada se faz, e as fileiras do Partido não podem intervir porque o Comité dos Partidários é considerado por assim dizer «independente».

Resumindo pois. — Se a maioria do Comité segue uma tática absolutamente errada, e o dito Comité é numericamente insuficiente para dirigir o trabalho político, precisando por essas duas razões, de ser reconstituído, o Comité dos Partidários está precisamente nas mesmas condições, precisando da mesma cura para o que nos faltam elementos.

Enquanto isto se não fizer, o Partido é o Comité dos Partidários não passando em Portugal de simples editores de brochuras e folhetos. — É esta a minha opinião.

À frente do trabalho sindical e da célula do Arsenal da Marinha de Lisboa, Bento Gonçalves destaca-se já então pela sua actividade, pela sua confiança na classe operária, pela sua determinação em reorganizar o Partido.

A 9 de Fevereiro de 1929, Bento Gonçalves entrega ao Comité Central um relatório em que coloca uma série de questões: «a necessidade do estabelecimento de uma ligação sistemática com os vários organismos sindicais; a necessidade de uma critica comunista de todos os assuntos do dia; a luta pelo desenvolvimento das células comunistas; a necessidade de publicações clandestinas». A falta de qualquer resposta, realiza-se a 7 de Março, com a aprovação de Manuel Pilar, uma reunião de quadros. Os doze camaradas presentes resol-

veram convidar todos os membros do partido de Lisboa assim como os membros do Comité Central para uma nova reunião que veio a ser a Conferência realizada em 21 de Abril.

A Conferência, cuja primeira sessão foi aberta pelo secretário da célula do Arsenal da Marinha Bento Gonçalves, adoptou os pontos de vista expressos por este e por Manuel Pilar e resolveu empreender a reorganização do Partido, para o que criou uma Comissão Provisória constituída por Bento Gonçalves, F. Martins, José de Sousa, Cesar Leitão e Batalha.

Três anos depois do golpe de 28 de Maio de 1926, o Partido ia finalmente organizar-se nas condições de severa clandestinidade impostos pela ditadura.

ENSINAMENTOS DE LENINE na batalha pela organização

Desde o começo da sua actividade revolucionária, Lenine, lutou incansavelmente para que os trabalhadores em geral e em primeiro lugar o proletariado, criassem organizações suficientemente fortes e à altura de cumprirem a sua missão histórica. Na infatigável acção que desenvolveu contra as correntes pequeno-burguesas, «populistas», «economistas» e outras que queriam amarrar a classe operária às suas reivindicações económicas, confiná-la à organização de associações de assistência e socorros mútuos e vedar-lhe o acesso à actividade política, submetendo a uma viva critica tais con-

cepções, Lenine, dirigindo-se aos operários no seu artigo «Objectivos imediatos do Nosso Movimento» publicado em 1900, afirmava: «Organizai-vos não só em sociedades de ajuda mútua, em caixas de greve e em círculos operários, mas também num partido político, organizai-vos para a luta resoluta contra o governo autocrático e contra toda a sociedade capitalista. Sem esta organização o proletariado é incapaz de se elevar a uma luta consciente de classes, sem esta organização o movimento operário está condenado a impotência».

Na sequência da sua batalha pela construção dum partido revolucionário da classe operária, na luta tanto contra aqueles que o queriam amarrar à luta puramente económica, como contra aqueles que tentavam fazer do Partido uma amálgama de pessoas e ideias, contra todos os que se opunham aos princípios leninistas para a criação dum partido de novo tipo, em especial contra o centralismo democrático, Lênine lutou incansavelmente e fez triunfar esses princípios sem os quais a classe operária teria ficado desarmada e à mercê da burguesia.

O triunfo dos princípios leninistas foi, pois, um importantíssimo passo para dotar a classe operária dum partido verdadeiramente revolucionário. Porém isto só por si não bastava. Para bem cumprir a sua missão o Partido do proletariado precisava dispor dum forte núcleo de militantes que dedicassem à luta não apenas algumas horas livres, mas toda a sua vida.

A importância dos revolucionários profissionais

A importância dada por Lênine à criação daquilo a que ele chamava uma organização de revolucionários profissionais, como passo essencial para o fortalecimento e dinamização dum partido revolucionário do proletariado e ao papel que cabia a esta organização para mobilizar as grandes massas para a luta, foi por ele sintetizada na sua genial obra «Que Fazer», num conjunto de 5 pontos.

Resumidamente, são eles: (1) que não pode haver um movimento revolucionário sólido sem uma organização de dirigentes estável e que assegure a continuidade; 2) que quanto mais extensa seja a massa espontaneamente incorporada na luta, massa que constitui a base do movimento e participa nele, mais urgente será a necessidade de semelhante organização e mais sólida deverá ser esta (...); 3) que dita organização deve ser formada, no fundamental, por homens entregues profissionalmente às actividades revolucionárias; 4) que no país da autocracia quanto mais restringimos o contingente de membros da organização deste tipo (...) mais fácil será caçar esta organização; e 5) maior será o número de pessoas tanto da classe operária como das demais classes da sociedade que poderão participar no movimento e colaborar nele».

Apesar da grande distância, tanto no tempo como nas condições existentes entre a época actual e aquela em que Lênine escreveu a sua obra, nem por isso se deixam de encontrar ensinamentos neste resumo que se aplicam perfeitamente às nossas condições.

As grandes movimentações de massas do último ano e meio e as imensas dificuldades que

o Partido teve de enfrentar para dar a essas movimentações uma direcção justa e mais consequente, não se pode desligar das debilidades de organização e das dificuldades dos quadros, em geral, e, mesmo do núcleo de funcionários.

Esta questão é pois da máxima importância e sem a resolver mais difícil será chegar às massas trabalhadoras, para as ajudar, para as organizar e orientar nas suas lutas. Lênine diz, muito justamente, que quanto mais extensa seja a massa espontaneamente incorporada na luta, mais premente se torna a necessidade de criar uma sólida organização de revolucionários profissionais. No caso concreto do nosso Partido, dadas as condições em que somos forçados a lutar, isto é um problema de primordial importância. A continuidade da acção, a resistência ao longo de dezenas de anos de luta nas mais duras condições de feroz clandestinidade, não teria sido possível sem o corpo de funcionários do Partido, que têm sido e continuam sendo a espinha dorsal de toda a organização partidária.

Como facilmente se compreende, Lênine nunca admitiu que a existência duma forte organização de revolucionários profissionais bastasse, só por si, para concretizar todas as tarefas que se colocam em cada dia ao Partido do proletariado. O que ele via nesta organização era, antes de tudo, uma garantia de continuidade e alargamento da luta. De resto, Lênine noutras ocasiões esclarece o seu pensamento sem deixar margem a dúvidas. Por exemplo, no seu livro «Um passo em frente e Dois passos à recatguarda», quando nos diz: «Não se deve pensar que as organizações do Partido terão de constar só de revolucionários profissionais. Necessitamos das organizações mais variadas, de todos os tipos, categorias e matizes, começando por organizações extraordinariamente reduzidas e conspirativas e concluindo por organizações muito amplas». Assim, para bem interpretar os princípios leninistas sobre organização impõe-se igualmente um esforço decidido e urgente para criar e ampliar:

As mais variadas organizações

Como é evidente, a necessidade de criar as mais variadas organizações tem de aparecer estreitamente ligada à necessidade de alargar a luta a todas as camadas da população. Cabendo à classe operária o papel de vanguarda e de direcção nesta luta, é a ela que cabe também o esforço maior na criação de estruturas orgânicas próprias. Entre estas têm importância especial:

— *As Comissões de Unidade* — A criação e reforçamento duma organização unitária de trabalhadores pode processar-se das mais varia-



das formas, tendo em conta as condições e tradições de organização existentes em cada empresa ou classe profissional. Todavia, como são as Comissões de Unidade que mais largas tradições e aceitação têm entre a grande massa trabalhadora, é para a sua formação que deve ir o maior esforço. Formar centenas, milhares de comissões de unidade que se estendam a cada empresa, fábrica, a todos os locais de trabalho e de concentração operária, constitui um valioso e imprescindível passo para o reforço da unidade da classe operária e para dar às suas lutas um carácter mais amplo e organizado. Estabelecer o contacto entre comissões de empresa da mesma localidade ou região, do mesmo ramo de indústria, de empresas de regiões diferentes numa escala cada vez mais larga, constitui também um passo necessário e decisivo para elevar a luta a uma fase superior e numa escala mais generalizada.

— *As Comissões Sindicais* — A estas comissões cabe a tarefa de promover a discussão de variados problemas reivindicativos e sindicais dos trabalhadores, através de reuniões, assembleias, concentrações, etc. Elas podem desempenhar, e têm desempenhado, um papel de grande importância no desenvolvimento da luta dos trabalhadores nos «Sindicatos Nacionais». São os organismos apropriados para encabeçar a combinação da luta da empresa com a luta no sindicato. A sua existência, pelo menos, nas principais empresas e classes profissionais reveste-se por isto da maior importância. O seu desenvolvimento é outro passo fundamental para reforçar a unidade dos trabalhadores, para elevar a sua combatividade de classe e deve ser visto como fazendo parte da luta pela liberdade sindical.

Os trabalhadores na vanguarda da luta política

O grande esforço que é necessário desenvolver para organizar a classe operária e as massas laboriosas, tendo em vista o alargamento e intensificação das suas lutas de carácter económico e pelas liberdades sindicais, não significa que elas se devam afastar da luta política. Antes pelo contrário, a luta pelas liberdades democráticas, pelo derrubamento do fascismo só pode ser conduzida com êxito na medida em que as grandes massas trabalhadoras com a classe operária à frente, participem organizada e massivamente nesta luta.

A criação de estruturas que levem ao movimento democrático legal a energia combativa das massas trabalhadoras (da classe operária, em primeiro lugar) é outra tarefa essencial. Só a concretização desta tarefa dará ao movimento democrático a necessária firmeza e am-

plidão.

As nefastas consequências da política fascista atinge praticamente todas as camadas da população e afecta todos os ramos da actividade nacional. Daqui poder-se concluir que as condições para mobilizar as grandes massas para a luta contra o regime amadurecem rapidamente. Isto significa que o problema é e continua a ser de:

« Organização, organização e ainda organização »

Estas são também palavras de Lenine quando em Abril de 1917 se dirigia aos trabalhadores e os aconselhava a organizarem-se «em cada fábrica, em cada regimento, em cada companhia, em cada quarteirão». As situações não são de modo nenhum idênticas, mas seja como for organizar não é nos nossos dias, nem o foi em alguma época, um problema de mera oportunidade. Trata-se dum problema de fundo e que não pode ser descurado em nenhuma situação. Criar no mais curto espaço de tempo uma forte organização é, pois, a grande tarefa do momento, aquela a que se tem de dar prioridade já que é dela que depende o desenvolvimento de toda a luta antifascista.

Na reunião de Agosto de 1969, o CC, prevendo as largas perspectivas que se viriam a abrir a partir das grandes movimentações de massas que continuariam a desenvolver-se durante esse ano, traçou uma orientação que conduziria e em grande medida conduziu a um extraordinário avanço na organização das forças democráticas, dos trabalhadores, da juventude e das mulheres. Todavia, este salto orgânico está ainda longe de corresponder, tanto quantitativa como qualitativamente às amplas perspectivas que se abriram no último ano e meio. Deram-se passos importantes sem dúvida, mas eles só confirmam a real possibilidade de se avançar muitíssimo mais. Mas para isto uma tarefa se sobrepõe a todas as outras, esta é:

Reforçar substancialmente a organização do Partido

O cumprimento desta tarefa apresenta-se, à escala do Partido, com resultados bastante diversos. Os sucessos alcançados no reforço e alargamento da organização partidária são muito desiguais porque desiguais têm sido também os esforços em cada sector de trabalho. Algumas das causas que estão na raiz desta anomalia não podem deixar de ter uma motivação política ou incompreensões de carácter ideológico, que subestimam o papel do Partido e da classe operária na revolução. Só isto pode



explicar que haja organizações do Partido de grandes empresas, situadas em grandes centros industriais, onde a classe operária tem tido papel destacado tanto na luta económica como na luta política, que desde há muito tenham caído na estagnação ou mesmo no recuo.

Naturalmente que a causa principal do enfraquecimento das organizações reside na existência do fascismo e na repressão que ele faz cair sobre o Partido. Porém, este facto e outros já apontados também não chegam para explicar tudo. É necessário que em cada sector, em cada organismo do Partido se estudem e encontrem formas de aplicar na prática a linha estabelecida pelo CC, no que se refere ao recrutamento de novos militantes, ao alargamento e reforçamento da organização do Partido. É absolutamente necessário ultrapassar aquilo a que quase podemos chamar um círculo vicioso em que se caiu nalguns sectores: Não há quadros operários porque são débéis as organizações operárias, não há organizações operárias mais fortes porque faltam aí quadros operários. O que na realidade acontece é que, nesses sectores, é muitíssimo deficiente o aproveitamento dos quadros. Não se conhece devidamente o que cada um pode e é capaz de dar ao Partido e à luta. Exige-se tudo ou não se aceita nada. O problema é que os militantes não são chamados a viver as dificuldades do Partido, não se solicita a sua ajuda constante, a sua iniciativa e dinamismo, o seu espírito de Partido e de classe para ajudar a vencer as dificuldades.

Ainda aqui é Lénine quem nos ensina, é nele que nos devemos inspirar para não temer as dificuldades. Os anos que se seguiram à Revolução de 1905, foram anos extremamente difíceis para os revolucionários russos. A repressão foi violentíssima, as organizações do Partido ficaram desmanteladas ou extraordinariamente enfraquecidas. Lénine viu-se forçado a partir para o exílio, mas nem aí ele deixou de lutar para que se reforçassem as organizações do Partido. Assim, após ter-se realizado a Conferência do POSDR, que teve lugar em Paris, em 1909, no seu artigo «A caminho», onde comentava a dita Conferência, Lénine dizia:

«Reforçar a organização clandestina do Partido, criar células do Partido em todas as esferas da actividade, construir em primeiro lugar «comités operários compostos unicamente de membros do Partido ainda que sejam pouco numerosos, em cada empresa industrial», concentrar as funções dirigentes nas mãos de dirigentes do movimento social-democrata saídos da classe operária, tal é a tarefa do momento actual. É evidente que essas células e esses comités devem utilizar to-

das as organizações semilegais e tanto quanto possível as organizações legais, manter uma «ligação estreita com as massas» e orientar o trabalho de tal forma que a socialdemocracia responda a todas as necessidades das massas. Cada célula e cada comité operário do Partido devem tornar-se um ponto de apoio para o trabalho de agitação, de propaganda e de organização prática entre as massas, quer dizer, deve ir sem falta aonde vai a massa e esforçar-se a cada passo para orientar a sua consciência no sentido do socialismo, ligar cada questão particular às tarefas gerais do proletariado, tirar proveito de cada iniciativa sobre o plano de organização a fim de assegurar a coesão da classe, conquistar pela sua energia e pela sua influência ideológica (e não pelos seus títulos e graus evidentemente) o papel dirigente em todas as organizações legais do proletariado».

E longa esta citação do artigo de Lénine que como se disse foi escrito num período particularmente difícil da revolução russa. No entanto, por ele se pode avaliar quanta importância dava Lénine à organização do Partido, como lhe confiava toda uma imensidade de tarefas, ou seja o papel dirigente em todo o processo revolucionário. Também nas nossas condições é a organização do Partido que sempre coube e continua a caber o papel fundamental no impulso que é necessário dar a todo o movimento popular de massas. Seja na formação duma forte organização de trabalhadores que unifique as suas lutas numa escala cada vez mais larga; seja no reforçamento do movimento sindical em marcha; seja no alargamento e dinamização do movimento democrático; seja no levantamento do movimento da juventude; seja na criação dum Movimento de Mulheres mais coeso e combativo; seja no impulso que é necessário dar à luta pela libertação de todos os presos políticos, ao fim efectivo da PIDE, à luta contra a repressão; seja na criação dum Movimento nacional contra a Censura; seja na intensificação da luta estudantil pela democratização do ensino; seja ainda para incrementar em todas as frentes a luta contra as guerras coloniais, etc.. Enfim, é e será do reforço e dinamização da organização do Partido que dependerá em larga medida, o grande salto que o povo português tem de dar nas suas lutas para pôr finalmente termo ao fascismo, conquistar a liberdade, avançar resolutamente pelo caminho do socialismo.

CUBA É A UNIÃO SOVIÉTICA

O discurso do camarada Fidel de Castro pronunciado em 22 de Abril por ocasião do Centenário do Nascimento de Lênine, deu uma resposta fulgurante não só aos imperialistas como a todos os pseudo-revolucionários que tornam o anti-sovietismo uma direcção fundamental das suas campanhas. Publicando a seguir alguns extractos desse discurso, «O Militante» dá aos membros do Partido e simpatizantes, um precioso elemento para a sua luta contra os inimigos do movimento comunista internacional, contra os detractores e caluniadores anticomunistas e anti-soviéticos.

.....
Sem as tradições do nosso país e sem a essência do pensamento marxista, o nosso povo nunca poderia ter dado este passo em frente e tornar-se o primeiro país socialista da América Latina. Ele foi o último a libertar-se da colonização espanhola, mas o primeiro a libertar-se totalmente do imperialismo Yankee! Sem a Revolução de Outubro de 1917, Cuba nunca poderia tornar-se o primeiro país socialista da América Latina.

Nós teríamos sido da mesma forma revolucionários, o nosso país teria agido até às últimas consequências, disso não há dúvidas. Mas os maiores sacrifícios, a mais heroica determinação não teriam sido suficientes para defrontar o poder do imperialismo situado a 90 milhas da nossa costa, as consequências do seu criminoso bloco económico, das suas pressões políticas e dos seus ataques militares.

No mundo há miseráveis. Isso é bem conhecido. Eles abandonam em certos meios intelectuais. Infelizmente o imperialismo conseguiu criar em certos meios o que se pode chamar um profundo sentimento anti-soviético. Deve aproximar-se a atitude desses meios da técnica imperialista que procurou diminuir o papel de Lênine.

Como sabemos, existem hoje super-revolucionários, teóricos, superesquerdistas, verdadeiros «Supermen» — uma vez que tem de se lhes dar um nome — que pensam poder, em palavras, liquidar o imperialismo em dois segundos. Muitos desses super-revolucionários não têm nenhuma noção da realidade dos problemas e das dificuldades duma revolução e, empurrados por esse sentimento que o imperialismo alimenta, votam à União Soviética um ódio feroz, como se não perdoassem a existência desse país, e isso a partir de posições de esquerda. Eles queriam que a União Soviética respondesse à estranha ideia que eles têm, a uma concepção idealista e ridícula. Um país é antes de mais uma realidade e uma realidade feita a partir de muitas outras realidades.

Os defensores dessas tendências esquecem as incriáveis dificuldades que a União Soviética teve de início, dificuldades de que falávamos há pouco, os incriáveis problemas que colocaram o bloqueio, o isolamento, a agressão fascista. Eles pretendem ignorá-lo e consideram quase como um crime a existência da União Soviética, e isto a partir de posições de esquerda. É duma desonestidade absoluta.

Esquecem os problemas de Cuba, do Vietnam, do mundo árabe. De cada vez que o imperialismo dá uma patada com as suas garras, há sempre um país, um Estado, que envia aos povos todas as mas necessárias para que estes se possam defender do imperialismo.

No nosso caso, recebemos da União Soviética mil e quinhentos milhões de pesos em armamento! E não pensamos ser o país que tenha recebido mais. Não o dizemos para nos queixarmos. Pensamos simplesmente que outros países tiveram necessidade duma maior ajuda. Eu penso, por exemplo,

que o Médio Oriente recebeu ainda mais armas, dada a situação que atravessa.

A ajuda em armamento fornecida gratuitamente a vários países cifra-se em milhares de milhões. Não falarei sendo do nosso caso: que teríamos feito nós sem essas armas?

Não, falem do petróleo, da ajuda que foi decisiva em certos momentos. Sem essa ajuda, poderíamos talvez ter utilizado os bois, as carroças, os cavalos, as mulas, viver um pouco como os índios Siboney... mas é certamente mais fácil viver como os Siboney que ter de se bater sem armas!

Nos próximos dias, festejamos a vitória de Giron. Lembramo-nos que tínhamos baterias anti-aéreas, tanques, canhões, morteiros, todas as espécies de armas para pulverizar os mercenários.

A existência do Estado soviético é, objectivamente, um dos grandes privilégios de que beneficia o movimento revolucionário.

O que eu quero dizer com isto é que podemos ter opiniões diferentes sobre diferentes problemas, que certos movimentos revolucionários podem interpretar diferentemente a maneira de os defrontar. Não quero dizer que todos os partidos devem pensar exactamente da mesma maneira. De modo nenhum. É preciso não confundir. Pensamos que, dada a diversidade e a complexidade dos problemas, existirão sempre pontos de vista diferentes. Seria idealismo não o admitir. Mas do que queremos falar é dessa praga que são os pseudo-revolucionários, os escritores a soldo do imperialismo que, com uma irritação incrível, se encarnam contra a União Soviética e parece não poderem perdoar-lhe a sua existência. Isso não pode ser sendo o fruto dum sentimento reacçãoário e imperialista.

É certo que os imperialistas não se resignam às atitudes e posições de Cuba. Diversas vezes fizeram declarações insolentes, afirmando-se dispostos a discutir com Cuba, se rompemos os laços políticos e militares com a União Soviética.

Já falámos sobre isso, dessa política de cretinagem, desse conselho de cretinagem: rompe com os teus amigos para te tornares amigo dos teus inimigos... Já não se trata mesmo duma simples questão de princípios, que passam por cima de tudo, mas duma questão de profunda convicção revolucionária. Em primeiro lugar, jamais aceitaremos as condições do imperialismo! Em segundo lugar, jamais romperemos os nossos laços políticos com a União Soviética, nem aquilo que eles chamam os nossos laços militares. Pelo contrário! Pelo contrário! Pela nossa parte, estamos sempre dispostos a reforçar os nossos laços militares com a União Soviética. Com quem iremos nós fazer-ló? Com o imperialismo Yankee?

Os nossos laços políticos e militares com a União Soviética não serão nunca cortados. Os laços militares não serão cortados sendo quando o imperialismo deixar de existir!